



Rubem Braga

De Rubem Braga Para o DIARIO CARIOCA

ALEM DO C-503-L É O FUNDO DO MAR

O "Pracinha" Sua Na Escuridão Vermelha do Navio Fechado — O Banheiro Cheio de Gente Suada Não Resolve — As Calmarias, o Cabral e Outras Coisas — Desça Mais Uma Escada, Mais Outras, Mais Uma Porção, e Chegue ao C-503-L — Em Cima daquelas Lonas, Viajaram Muitos Homens Para Muitos Destinos Diferentes — O "Pracinha" Vai Lutar Para Que Ninguem Mais Viaje Pelo C-503-L.

31.10.44

da disso. Apenas vê, na, ilhas de fraca luz rubra que são vagas manchas de sangue na grande escuridão, vultos de dois ou três companheiros mais proximos. A luz vermelha espelha-se nos corpos suados. Faz um calor infernal: estamos na zona das calmarias, e quem não está de cuecas está de calção de ginastica. Antes, pouco depois que se saiu do Rio, ha-

(Continua na ultima pagina)

AMANHÃ

DIANTE DO PENHASCO DE GIBRALTAR

COM O 2.º ESCALÃO DA FEB. EM VIAGEM PARA A ITALIA — (De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA) — O soldado inglês é um "tommy", o francês é um "polu", o brasileiro é o "pracinha". Agora o "pracinha" vai para a guerra. O pracinha esta num compartimento onde há muitos outros pracinhas. Há

um pracinha no beliche de lona em baixo do seu e há dois pracinhas nos dois beliches acima do seu. Dentro do compartimento, a bombordo, a boreste, á ré, á vante, por baixo e por cima há mais 379 pracinhas empilhados, todos semi-nus. Abaixo daquele, há outro compartimento, e abaixo desse outro há ainda outro, e acima e ao lado há outros compartimentos, todos absolutamente cheios de pracinha do chão ao teto. Mas o pracinha mal pode ver dois ou três companheiros. As luzes foram apagadas, e só restam algumas baças lampadas vermelhas. Um americano me explicou o uso da luz vermelha dentro do navio trancado: a luz branca ou azul ou de qualquer outra cor apresenta grandes inconvenientes para o homem que subitamente tem de sair do interior do navio

para ocupar seu posto em algum canhão ou metralhadora. Ele levará muito tempo sem conseguiu enxergar nada na escuridão do mar. Se, porém, sai de um ambiente de luz vermelha, seus olhos em poucos segundos estão funcionando tão bem como se ele já estivesse na muito tempo na escuridão.

O pracinha não sabe de na-

Viagem do Pracinha Set-44 - FEB - pg. 15 - segue -

NA FRENTE ORIENTAL

31.10.44



Proseguindo na ocupação da Holanda os aliados avançam para o norte onde, em Escalda, continuam a operação com vantagens nitidas para as forças britânicas e canadenses

63

ALEM DO C-503-L É O FUNDO DO MAR

(Conclusão da 1ª pag.)

via vento forte e uma parte da tropa enjoou horrivelmente. Havia pracinhas chegados há pouco tempo do interior e que nunca tinham visto o mar em sua vida; e alguns, com o perdão da palavra, "restituíram" até a alma. Mas isso em certos lugares: não para fora do navio. Não se pode lançar nada fora do navio, nem uma ponta de cigarro: os detritos são jogados fora a uma hora certa, ao escurecer. Dizem que já houve o caso de transportes de tropas que foram seguidos pelos submarinos que se guiaram pelos detritos lançados ao mar.

O pracinha se mexe em seu beliche. São 10 horas, e às 9 e meia deu o toque de silêncio. Que calor! Durante o dia o mar esteve parado, chato, como se fosse de aço mole, e do céu vinha um mormaço geral. Foi evitando essas calmarias que Cabral descobriu o Brasil — diziam os compendios de meu tempo. Eu também seria capaz de descobrir qualquer coisa, fosse o que fosse, para fugir a essa calmaria. O pracinha também descobre uma fuga: tomar banho.

O banheiro é grande, mas está cheio. Dezenas, centenas de pracinhas nus e semi-nus estão nos banheiros iluminados: são pretos, brancos, mulatos, amarelos, de todas as cores do Brasil e do mundo. Há muitos chuveiros de água salgada e apenas um de água doce em cada banheiro. Isso também é a única vantagem que pracinha leva sobre oficial, que não tem chuveiro de água doce. O pracinha toma banho e, saindo da claridade do banheiro, mergulha outra vez na escuridão do compartimento, tateando entre as pilhas de corpos nus, arrastando seu salva-vidas. É um pesado colete de lona impermeável cheio de palma, que a gente tem de carregar dia e noite. É grosso, incomodo, sujo. Uns o chamam de "paraquedas", outros de "tatú" outros, mais elegantes, de "renard".

O pracinha consegue, afinal, acertar com o seu beliche. Amarra o salva-vidas ao lado do saco verde e sobe. E sua

Sua-se, meus senhores, sua-se aos litros, sua-se aos potes, sua-se a cantaros neste navio trancado. Ha ventiladores, de sistemas de renovação do ar, e tudo isso é muito interessante. Mas o pracinha sua. Seu corpo está pegajoso, porque ele só

conseguiu tomar banho de água salgada, e o sal do suor se mistura com o sal da água do banho, e o pracinha não pode dormir. Na escuridão de raras manchas rubras, ele fica pensando na vida — e ocasionalmente, na morte. Se a distinta senhora minha leitora descesse áquele compartimento desmaitaria; é a primeira vista, funebre. Aquela pretidão com manchas de sangue no ar, os homens em inumeráveis pilhas de quatro, quase nus, suando. Mas, coragem, minha senhora. Estamos no 203. Descemos ao 303. Mais uma escada, senhora: vamos aos 403, e agora acabamos nossa viagem: é só ir ao 03. Porque além do C-503-L não ha mais nada, é o proprio fundo do mar. E a escada que desce para o C-503-L é diferente das outras: ela se abre de repente, como um alcapão, dando para o profundo escuro baixo abismo, no fundo de outras escuridões que se acumulam negras lá para cima, além, mais uma escada e escuridão, e outra escada e escuridão, e em cada escuridão, homens, homens e homens empilhados do teto ao chão, suando, suando, suando. Assim é o C-503-L.

Mas o pracinha aguenta. Arranja-se mais um ventilador, desce-se um cano de lona que traz ar. O pior é a impressão. E o pracinha guarda para si mesmo as suas impressões. Se tem medo, não diz. Vai para lá, e fica. Depois se acostuma. Quando descobre que está vivo, e afinal de contas tem ar para respirar, e banheiro para tomar banho, se acostuma. Ali, naquele mesmo beliche onde está esticado o corpo suado do nosso pracinha já esteve o corpo de um soldado americano que ia atravessando o Atlantico para léste, ou o Pacífico, para oeste, para lutar. Ali já esteve o corpo de um soldado francês, que ia lutar pela sua terra escravizada. Ali já esteve o corpo de um italiano que ia preso para a América depois de lutar pelo seu Duce ridiculo. Este navio tem andado por muitos mares e levado muitos homens para a guerra ou para a paz. Na pobre lona onde se agita o nosso pracinha agitaram-se, nestes ultimos anos, sonhos e pesadelos, resmungos em varias linguas de homens de varias especies. Alguns estão mortos; outros estão lutando, ou metidos em campos de concentração, ou gemendo em hospitais. O pracinha talvez não saiba disso. No meio dessa grande e tormentosa humanidade, o pracinha é um homem, é apenas um homem. E agora ele vai dizer a sua palavra, vai intervir, como homem, no destino da Humanidade. Saiba ou não saiba disso, o pracinha vai.

E isso é o que serve.

Amanhece. O pracinha toma banho, faz seu pequeno almoço, sobe para o conyês, para o ar livre. Ha espumas no mar, acabou-se a calmaria, não haverá mais calor. O navio marcha. E com o navio marcha o pracinha, marcha para as neves onde vai lutar por um mundo em que ninguem mais precise viajar no compartimento C-503-L.

31.10.44

(Viagem do pracinha - Lt 44 - FEB)